



11º Encontro Internacional de Política Social

18º Encontro Nacional de Política Social

**Tema: Entre o capital e a vida: questão social,
crise ambiental e resistências**

Vitória, ES, Brasil, 18 a 20 de agosto de 2026

Eixo: Exploração e opressões no capitalismo

A reificação das relações pedagógicas na era digital

Anna Clara Fontenelle Mapheu¹
Bruna Weichert Costa da Silva Pires²
Carla Chaves Santos³

O presente resumo objetiva debater, de maneira breve mas a partir de uma perspectiva da totalidade, como a inserção de tecnologias no ensino formal influenciam as relações sociais e pedagógicas que se estabelecem no campo da educação. Nesse sentido, compreender como a reificação ou coisificação, concebida por Marx (2017) pelo processo de fetichismo mercantil, é intensificada e atualizada na era digital se faz fundamental. Netto e Braz (2012) apontam como, a partir do fetichismo, que retira o caráter social da produção do trabalho, as relações sociais são substituídas pelas relações entre coisas, ignorando as características do homem e atribuindo ao produto, concebendo uma autonomia à mercadoria, de modo a difundir a lógica do capital.

Por ser uma das esferas da totalidade da vida social (Tonet, 2023), a educação não está alheia a essa lógica. Inserido na dinâmica reprodutiva do capital, o ensino formal tende a incorporar formas de alienação e controle que não se restringem à sala de aula, mas se articulam às desigualdades estruturais de classe, raça e outras dimensões da divisão social do trabalho. Dessa forma, a digitalização da educação automatiza processos e a reduz a dimensão dialógica do ensino, aproximando as práticas pedagógicas de uma racionalidade produtivista centrada na eficiência e na mensuração de resultados.

A expansão do acesso às tecnologias da informação resultou em uma integração digital gradativa no meio educativo, primeiramente como um apoio para as bases curriculares das instituições de ensino. Entretanto, o avanço tecnológico não carrega consigo o letramento digital necessário para que a sua utilização não se torne

¹ Graduanda em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: claramapheu@gmail.com.

² Mestranda em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: brunaweichert.wp@gmail.com.

³ Graduada em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). E-mail: carlasschaves@gmail.com

somente mais uma ferramenta de controle e padronização do ensino, promovendo os valores dominantes e não uma reflexão crítica das formas de dominação. É necessário que exista nas ações educativas a construção desse pensamento avaliativo, indo além da formação técnica e de uma lógica tecnocientífica. A educação deve sempre buscar esse caráter humano e emancipatório (dos Santos et al, 2024).

Não somente, essa perspectiva de ensino se alinha diretamente com a lógica capitalista, uma vez que contribui para um esvaziamento deste caráter formativo e humanizador da educação. A concepção bancária do ensino, pensada por Freire (1987), aponta para um modelo pedagógico baseado somente na transferência de conhecimentos pré-determinados, fundamentado na memorização pela repetição sem considerar a subjetividade do sujeito. Tal processo alimenta a necessidade do capital de uma massa acrítica e passiva, que é caracterizada por indicadores e metas a serem alcançadas, ao invés de sujeitos próprios. Assim, as relações pedagógicas que deveriam acontecer entre indivíduos, entre professores e alunos, são coisificadas (Stecanela, 2018).

Por fim, a inserção das tecnologias no ensino formal, à luz da totalidade social, intensifica a reificação e o fetichismo nas relações pedagógicas, alinhando a educação à lógica do capital. Impõe-se, portanto, a necessidade de um letramento digital crítico que reafirme o caráter emancipatório da educação.

Referências

MARX, Karl. **O capital**. Livro I: o processo de produção do capital. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. **Economia política**: uma introdução crítica. 8. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2006.

TONET, Ivo. Lukács, Marx e a educação. In: **Bases Onto-Históricas, Educação e Emancipação Humana em Debate**. São Paulo: Lutas Anticapital, 2023.

DOS SANTOS, Antonio Nacílio Sousa et al. Educação e tecnologia—um olhar crítico sobre a educação tecnológica a partir da perspectiva gramsciana e marxista. **ARACÊ**, v. 6, n. 3, p. 8150-8171, 2024.

STECANELA, Nilda. A coisificação da relação pedagógica no cotidiano escolar. **Educação e Realidade**, v. 43, n. 3, p. 929-946, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/8RNmtMBZLRwTtpRbWHvWGj/?lang=pt>. Acesso em: 20 abr. 2026.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.